LITERATURA DE CORDEL

PODEROSAS MULHERES DE BENGUELA

✦ ✦ ✦



JOSÉ GUILHERME TELES

Distribuição gratuita



Cordel digital produzido e distribuído por **netmundi.org** com autorização do autor.

As cidades africanas
Constantemente mandavam
Ao Brasil e a Portugal
Escravos, mas abrigavam
Várias mulheres nativas
Que de formas positivas
Os negócios lideravam.

Essa história aconteceu
Na África Ocidental,
Na cidade de Benguela,
De forma excepcional;
Fundada no dezessete,
Por muito tempo, manchete
No comércio mundial

De cativos africanos
Pro Brasil e Portugal;
Com isso, destaque na
Economia global;
De escravos, meio milhão
Tiveram arribação
Daquele porto local.

O tráfico de escravos,
Transatlântico, chamado;
Benguela, Rio de Janeiro
E Luanda, lado a lado.
Comércio que claramente,
Era coercitivamente
Por Lisboa, controlado.

As mulheres de Benguela,
Nessa fusão cultural
Ganharam proeminência
E papel fundamental.
Reduzidas brasileiras

Como outras estrangeiras;
A nativa é a principal

Companhia feminina
Pro europeu visitante,
Que por meses viajando
Fraquejava nesse instante;
E a nativa africana
Era de mesa e de cama,
Mesmo às vezes, hesitante.

A Coroa Portuguesa
Reprovava aquele ato;
Condenava, era contra
O claro concubinato
Que o europeu praticava,
Longe de casa estava.
Esse caso era um fato.

D. Francisco Inocêncio,
De Angola, governador,
Dizia: "os estrangeiros
Rompem o cristão rigor,
A capital é cristã,
Isso é coisa de satã,
Isso é falta de pudor! "

Logo a seguir o ministro
Luso, Marquês de Pombal,
Secretário de Estado,
Fez crítica bem formal;
"Se entregaram à solidão,
Portugueses em questão:
Deplorável, anormal!"

A crítica era porque
Duradouras relações

Conseguissem preservar,
Porém sem consecuções;
Na Igreja não casavam,
Apenas se amasiavam;
Daí as reclamações.

O crescimento do porto
Contribuiu, afinal
Para que essa união
Fosse multicultural.
Sua localização
Fez crescer a região
De modo exponencial.

Os lusos, comerciantes,
Dali levavam então
Escravos, cera, marfim;
Grande movimentação.
Benguela virou refúgio
Como os galhos para o bugio,
Pra qualquer tripulação

Que sedenta e faminta,
Buscava água, alimento;
Também para os navios
Avariados, alento;
A presença portuguesa
Só existia, com certeza,
Na costa em aldeamento.

No interior existiam
Fortes e centralizados
Estados que impediam
Estrangeiros assentados;
Que fosse comerciantes
E até mesmo traficantes,
Se insistissem, maus bocados.

Além da proibição
Tinha o clima tropical
Que muito facilitava
Uma transmissão viral,
Qual malária, passarela
Rumo à febre amarela
Se espalhando, afinal.

Com a constante chegada
De estrangeiros e africanos
Vindos do interior,
Tratamentos desumanos;
Benguela se transformou,
Cresceu, se emancipou
Com modos kafkianos.

No século dezoito, era
Cidade multilinguística,
Com habitantes provindos
De maneira casuística,
De todo canto, então,
Daquele vasto sertão
Sem a mínima logística.

Os habitantes provindos
De origens diferentes
Falavam sua linguagem
Mais o Umbundu, presente;
Junto com o português
Que de importante se fez,
Em Angola, onipresente.

Todos, porém, procuravam
Novas oportunidades
Econômicas pra então
Poupar adversidades;

Isso acelerou ações
Culturais, transformações
Praquelas comunidades.

Fato é que a população
Máscula, cosmopolita,
Aumentou o seu controle
No comércio escravista;
Relacionam-se ademais
Com as mulheres locais;
Mas com a Igreja se conflita.

Embora fossem estáveis
Essas claras relações,
Eram criticadas pelas
Católicas posições;
Mesmo assim uma geração
De mulatos, que expansão!
Muitas miscigenações.

Quando as mulheres nativas
Se aliavam aos estrangeiros
Intermediavam ações
Com os africanos parceiros:
Negócios comerciais
Foram sim, fundamentais;
Foi instante alvissareiro.

Esposas e concubinas
Foram muito essenciais
Como agentes, tradutoras,
Negociantes legais;
Vendiam qual quitandeiras,
Foram donas e parceiras
De casas comerciais.

Organizavam também

O tráfico, atividade;
Originaram uma elite
De afro-lusitanidade,
Fluentes no português
E no Umbundu burguês,
Luso reciprocidade.

Adotaram inclusive
A sincrética cultura,
Frequentando a Igreja
Com europeia vestidura;
Até na administração
Ocuparam posição:
Pública investidura.

Sua posição, porém,
Como intermediários,
Muitas portas lhes abriam
Mas traziam os contrários;
Erodia a segurança,
Trazia desesperança
Pra eles, signatários.

Os residentes nos núcleos
Urbanos e controlados
Por portugueses tiravam
Proveito, pois escolados;
De outro lado, simplesmente
Se arriscavam diariamente,
Sendo negros ou mulatos.

Era insuficiente
Seguir a legislação
Portuguesa e até mesmo
Seguir a religião.
Sendo negros ou mulatos,
Corriam, mesmo pacatos,

Risco de escravização.

Isso, especialmente,
Indo para o interior,
Onde chefes africanos
Se impunham com ardor.
Em vigor a escravidão,
Garantia lucro então
No comércio exterior.
Para ter a liberdade
Lhes era fundamental
Ter apoio da Coroa
Pelo corpo oficial;
Com a Igreja, afinidades,
Com suas autoridades;
Isso era sacramental.
Esse mundo português
Era muito desigual,
Abria as portas, porém,
Com privilégio ao legal;
Aquela legislação
Escravista, dava então
Ao branco o instrumental.
Mesmo assim, várias mulheres
Africanas de Benguela
Conseguiram ter destaque
Mesmo usando uma pinguela:
Maria José de Barros,
Dona Águida, aos pigarros,
Venceram, mas com sequela.

Cordel inspirado no artigo *Poderosas Nativas,*

De Mariana P. Cândido, na **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Nº 65 – Fev/2011 (pp. 34-37).



O AUTOR

JOSÉ GUILHERME Soares TELES, nasceu em Belém, Pará, em 25 de junho de 1949. É pai de seis filhos e avô de quatro netos. É jornalista, cordelista (acadêmico da ABLC, cadeira nº 13) e Professor. Se classifica como aprendiz de poeta.

Entre 2017 e 2020 publicou mais de 70 cordéis. Também em 2017, pela Editora Labrador, lançou o livro Pequena História do Rio de Janeiro, em cordel sextilha, com um glossário dos fatos históricos cordelisados na obra.

Em 2020 já publicou, além de folhetos, dois livros em cordel com ISBN, Poemeus II e Filosofando, a História da Filosofia. Além desses, publicou seu primeiro romance: Os Meninos da Mangueira e o livro infanto-juvenil: A Menina que perdeu a cabeça e outras histórias. *Chico Salles, o Menestrel, Luiz Gonzaga, o mestre do baião entre outros.*

E-mail: barreirotell@gmail.com

Tel.: (21) 99888-3013